

ARTIGO DEFINIDO

A paisagem humana e a cultura de Brasília

Lourenço Cazarré

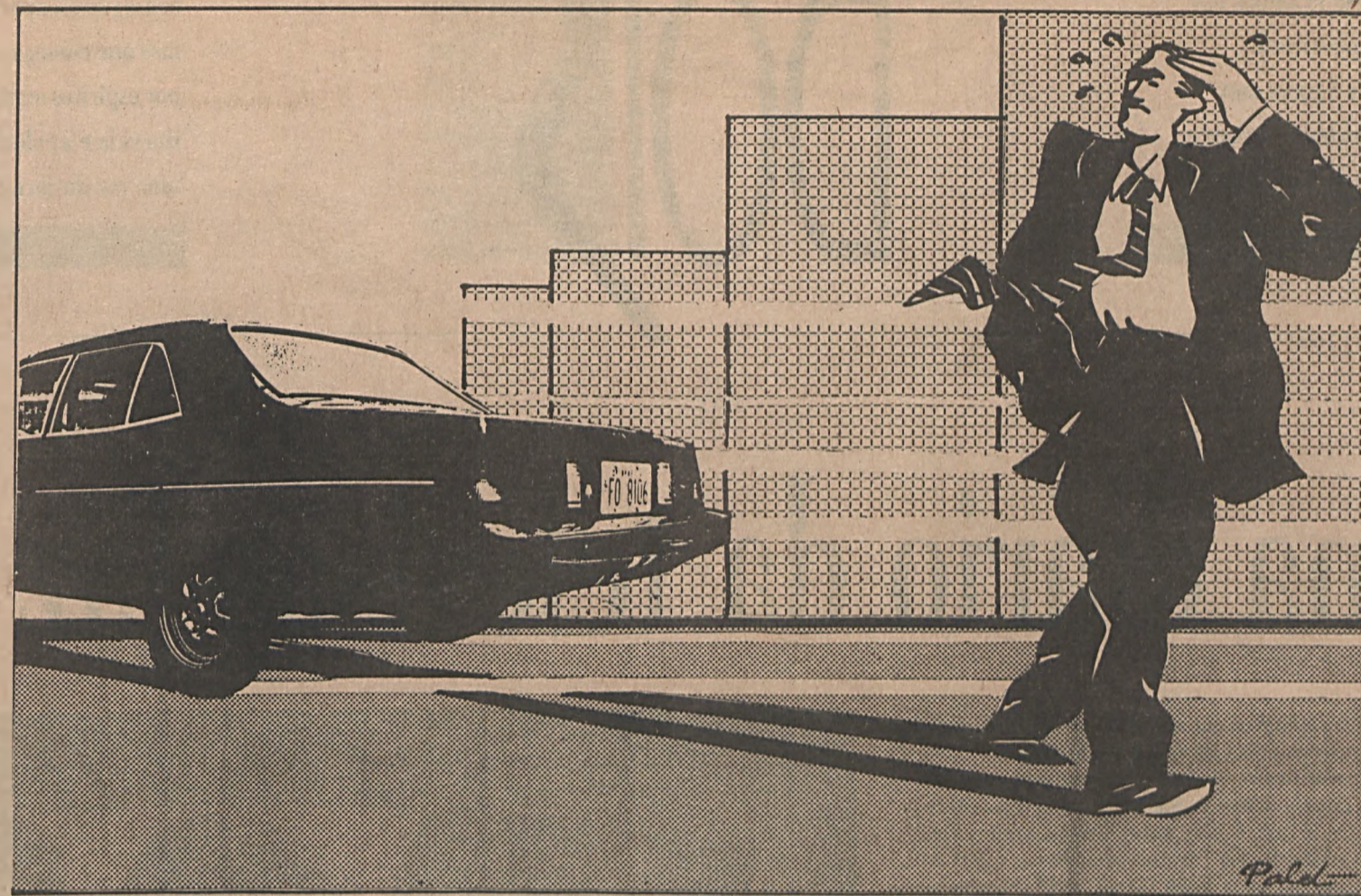
De todas as paisagens de Brasília — dos badalados palácios de linhas sóbrias às árvores retorcidas do cerrado, passando pelo céu permanentemente azul — a mais marcante é a humana. Nem arquitetura nem natureza, interessa-me sobretudo o homem que está criando aqui uma cultura singular.

São Paulo e Rio de Janeiro são cidades-pólo onde também temos o encontro de gentes, sotaques e músicas de todas as regiões brasileiras. Mas por trás destas culturas adventícias, mais forte que elas, estão as tradições locais, determinantes.

Assim, será em Brasília — onde há um evidente equilíbrio entre sulistas e nortistas — que teremos (se é que já não temos) uma cultura-síntese. Queiram ou não os detratores de Brasília, que são muitos e poderosos.

Por falar em detratores, é comum vermos nos grandes veículos de comunicação do eixo Rio-São Paulo escandalosas reportagens sobre a "Ilha da Fantasia", em geral explorando a disparidade entre, por exemplo, o Lago Sul e Samambaia.

Ora, qualquer boboca chapado sabe que na antiga capital o contraste é o mesmo porque, como está no mapa, o Rio de Janeiro fica num País chamado Brasil. Da mesma maneira, ninguém



desconhece que os nossos ricos do Lago Sul não passam de míseros cidadãos de classe média quando comparados com os graudões que moram na região dos jardins na capital paulista.

Talvez ninguém esteja entendendo o que têm estas reportagens a ver com a gente de Brasília, da qual comecei a falar. Têm tudo a ver porque ultimamente estes veículos decidiram que os culpados por todos os problemas brasileiros são os funcionários públicos, únicos vilões a serem

punidos depois de 30 anos de Programa Nuclear, Transamazônica e Itaipu, para citar só os mais amenos desvarios.

São estes temíveis criminosos que compõem a paisagem humana de Brasília.

Falemos deles um pouco.

Para cada marajá, se é que os marajás resistiram ao arrocho de 1990, existem milhares de funcionários que às 6h da manhã, na cotovelada,

disputam um lugar nos eternamente lotados ônibus que atendem às satélites. Muitos só voltam para casa perto da meia-noite, depois das aulas nas faculdades pagas, porque a gratuita é reservada à classe média bem nutrida.

Sumariamente julgado como o grande causador do miserê nacional, o funcionário público foi condenado à demissão e à disponibilidade. Teve o salário congelado apesar de uma inflação de 18 por cento ao mês. E quando reclamou de uma

inflação acumulada de 300 por cento teve o consolo de um adiantamentozinho de 30 por cento.

E a inflação não cedeu.

O chamado "servidor público" sempre foi atacado. Temos fartos exemplos na literatura brasileira. Até Machado de Assis, barnabé exemplar, que galgou altos cargos de burocracia estatal, também malhou os companheiros. Leia, por exemplo, a apresentação que ele faz do pai de Capitu, em Dom Casmurro. Monteiro Lobato em muitos dos seus contos geniais também não dá moleza aos empregados do Governo.

Acho, porém, que o funcionário que a gente vê, anônimo nas ruas, de paletó desbotado e gravata suja de pingos de café, só encontrou seu verdadeiro intérprete num país bem longe daqui, chamado Rússia. Havia por lá um sujeito chamado Gogol que publicou *O Capote* — que é apontado hoje como um dos maiores contos da literatura mundial — no qual retrata um funcionário humilde de São Petesburgo, não só como objetivo de desprezo e de galhofa. Mas também pela sua dimensão trágica, inerente à condição humana. O escrívão Acaqui Acaquievitch investe todas as economias num capote para enfrentar o frio moscovita. Assaltado, perde o agasalho na primeira noite. Como inúmeros funcionários que vieram construir esta capital e também foram aliviados dos seus "capotes" pelos espertos que pululam nos países miseráveis de todos os quadrantes.

Finalmente, nunca é demais lembrar que os que vivem na Ilha da Fantasia, em geral, estão aqui de passagem. Vestem ternos de linho que os protegem do forte calor brasiliense e servem-se da cidade apenas para enquadrar o rosto nas entrevistas que concedem às emissoras de tevê. Passam uns tempos por aqui e depois vão abrir escritórios de consultoria no Rio ou em São Paulo, Estes a gente nunca vê nas ruas da cidade. A não ser um vulto meio difuso na penumbra de um carro de luxo que voa a mais de cem por hora na reta do aeroporto.